

Prólogo

A Revolução de 25 Abril de 1974 trouxe o fim do regime salazarista e a ruptura com um *status quo* de quase cinquenta anos. O que era errado passou a estar certo, e o que era certo, errado, não só na vida política, mas também nos comportamentos. Os adolescentes viram de um dia para o outro abrir-se à sua volta um mundo de permissividade que incluiu a normalização do sexo, das drogas e a inexistência de um quadro educativo estável. Lisboa ficou irreconhecível, de uma cidade pacata e conservadora, transformou-se num redemoinho de experiências que até aí lhe estavam vedadas, pelo menos às claras. As festas para jovens tornaram-se programa rotineiro dos fins-de-semana. Não namorar, a virgindade, não ser promíscuo ou nunca ter experimentado drogas serão alvo de sorrisos velados de desprezo.

Tudo esteve em reestruturação em Portugal, o sistema político, as mentes, os costumes. A Igreja perdeu a liderança que tinha, ícones nacionais como o fado e as touradas transformaram-se em símbolos do «fascismo», a excluir. Apesar de terem sido poucos os tiros disparados, os estilhaços da Revolução dos Cravos fizeram-se sentir sobretudo nos que viviam nas Colónias e viram a vida despedaçada,

ou nos que foram obrigados a emigrar de um país onde deixaram de caber.

No Brasil, os depostos do regime no exílio urdiam planos de vingança contra os revoltosos, e os EUA pensaram em agir drasticamente como no Chile ao mesmo tempo que ajudavam com aviões e financiamento a retirada dos milhares de portugueses que tinham ficado em Angola e que o Conselho da Revolução parecia ter esquecido.

Este livro começa aí: no inebriamento, na disrupção e no caos do período que se seguiu a uma revolução imprevista (apesar de há muito esperada) que transformou da noite para o dia a vida de todo um povo, mostrando que mesmo na liberdade há sempre um preço a pagar.

A interacção entre personagens reais e ficcionais que servem a trama não tem base na História, apesar de se inspirarem nela.

PARTE 1

1974

1

CAOS

*P*or pouco não lhe acertaram no coração, dissera-lhe com voz apressada o cirurgião de patilhas longas, parcialmente grisalhas, o olhar fixo na radiografia que segurava ao alto, a contraluz. *A bala está alojada na segunda costela vertebroesternal, vamos operá-la de imediato, estamos só à espera de mais um lote de sangue RH negativo que pode ser preciso* (aqui fez uma ligeira pausa e olhou para o interlocutor), *já que este tipo de sangue é raro, como deve saber.*

E sem esperar pela reacção de Nils, que o ouvia com os sentidos toldados pela angústia, desapareceu pela mesma porta basculante pintada de branco de onde tinha saído.

Conseguira aquela parca, mas preciosa, informação porque fizera questão de não sair de perto do local onde sabia estarem a observar Cristiana até lhe dizerem alguma coisa. As enfermeiras do serviço de urgência diziam-lhe que ele tinha de ir para uma sala de espera, como mandam as regras para os acompanhantes dos doentes, mas ele não arredou pé. *Digam-me qual é o estado dela, repetia, até lá, não saio daqui.* As enfermeiras desistiram de o demover. Encolhiam os ombros e afastavam-se a abanar a cabeça. Ele acreditava, apesar de estar ciente de que se tratava de uma superstição,

que quanto mais próximo estivesse de Cristiana, mais evitaria que lhe trouxessem más notícias.

Agora, ela já estava há duas horas no bloco operatório e ele não conseguia parar de andar de um lado para o outro no corredor deserto do hospital, bem iluminado pelas janelas gigantescas, típicas da arquitectura do Estado Novo. Quem o visse, o olhar esgazeado e a camisa ensopada em sangue, julgaria que era ele o sinistrado. E, de certo modo, era esse o seu estado naquela tarde. Desde que aterrara em Lisboa, depois de quase dezoito anos de exílio, fora abalroado por emoções tão fortes quão antagónicas, o que o impedia de as processar devidamente. Em poucas horas vivera demasiados acontecimentos extremos para uma só vida. Rememorou-os: uma tentativa de assassinio; ser salvo da morte pela mulher amada que se interpusera entre a bala e ele, caindo ferida no chão do estádio da FNAT¹ e encontrando-se em estado grave no bloco operatório daquele hospital e, por fim, a descoberta de que tinha um filho dela com oito anos.

A felicidade transbordante que deveria sentir pelo facto de finalmente se ter reencontrado com o seu grande amor, que vaticinara acabado e enterrado para sempre, agora com a bênção súbita de um filho em comum, estava minada pelo medo de poder perdê-lo outra vez no rescaldo imprevisível dos momentos críticos que viviam. E, quanto ao filho, Vicente, que ardia de curiosidade em conhecer, de olhar nos olhos e de abraçar, no abraço mais apertado que imaginava ser possível dar, precisava que a mãe se recompusesse para que fosse ela a dar-lhe a notícia de quem era o seu verdadeiro pai.

¹ Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, criada em 1935 por António Ferro (dirigente do SPN — Secretariado para a Propaganda Nacional), baseada numa organização similar existente na Alemanha Nazi, com o objectivo de ocupar os tempos livres dos trabalhadores, mantendo-os satisfeitos e em boas condições físicas. Após o 25 de Abril, a FNAT foi extinta e transformada no Inatel (Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres, IP), fundação privada de utilidade pública, desde 2008. O estádio da FNAT no Bairro de Alvalade em Lisboa (inaugurado em 1959) foi renomeado Parque de Jogos 1.º de Maio, precisamente no dia 1 de Maio de 1974. Pertence ao Inatel.

Não podia apresentar-se sozinho em frente da criança, seria demasiado traumático. A não ser que Cristiana não sobrevivesse, aí ver-se-ia obrigado a fazê-lo, mas afastou rapidamente tal ideia mórbida, dizia-se que dava azar antever desgraças, e ele estava numa daquelas situações-limite em que um homem não crente se pode converter a tudo, no desespero de evitar o mal que o assombra.

Tinha sido uma sorte encontrar assistência no dia da *grande* manifestação do 1.º de Maio, à qual nenhum português parecia ter faltado. E o médico das patilhas «à *beatle*» — ao olhá-las, Nils foi catapultado de imediato para o estilo dos quatro mais famosos do mundo na capa do álbum *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band* — mostrava-se muito determinado em salvar a paciente baleada, o que lhe deu confiança. Olhou por segundos o seu reflexo no vidro de um armário com produtos farmacêuticos que povoava o vazio decorativo do corredor hospitalar, tornando-o, talvez, um pouco menos sinistro, e assustou-se, não reconhecendo nele o homem composto e alegre (sim, fora alegria o que sentira por poder finalmente regressar a um Portugal livre) que chegara a Lisboa naquela manhã. Usou os dedos para alinhar um pouco os fios de cabelo que partiam à deriva e teimavam em colar-se à pele da testa, onde a humidade da transpiração causada pelas emoções fortes do dia se sedimentara.

Cobarde, cobarde... O cérebro encalhara-lhe naquele termo. Sim, cobarde era a palavra certa para descrever o acto do fascista do marido de Cristiana, Miguel Freixes de Almeida, que, querendo matá-lo à traição, atingira a própria mulher, não parando sequer para a socorrer, fugindo da cena do crime tão rapidamente que ninguém o apanhara. Ele teria ido atrás dele, mas não pudera, a pobre Cristiana, heroína e vítima de um crime que lhe era alheio, caíra no chão inanimada, precisando da sua ajuda para sobreviver. Lamentava não ter

conseguido meter finalmente o psicopata na cadeia. *Por onde andaria?* Com o coração apertado, adivinhava a resposta. Conhecendo Miguel e sabendo que nele a inteligência rivalizava com a falta de escrúpulos, apostaria que arranjava já um esquema seguro para sair do país.

A revolução portuguesa transformara-se, afinal, na sua própria revolução, sabendo que a partir dali a vida ia ter um rumo totalmente diferente do que vivera nos tempos de exílio na Noruega. Estava habituado a grandes golpes do destino, quase teatrais, como se esse fosse o seu *karma*, como lhe dizia muitas vezes Raj Kamadewa, amigo budista de longa data, apesar de o saber pouco versado em espiritualidade. Contudo, insistia, também, que um dia *as contas estariam saldadas*, o que traria finalmente um período de paz para a sua vida, mas que ainda ia demorar. *Raj, achas que eu vou nessa história de leres o futuro?* Nils retorquia-lhe, a rir. *E já agora, se tens um canal de comunicação com as forças ocultas, podes pedir-lhes que me poupem?* Mas algo dentro dele crispava-se, como se bem lá no fundo acreditasse na premonição do amigo. E parecia que a situação em que agora se encontrava vinha dar-lhe razão. *Maldito karma, maldito Raj*, murmurou. *Pelo menos, podias ter-me dito a data em que as dívidas vão estar saldadas e em que eu terei o tal tempo de paz, já mereço!* Uma enfermeira com um pequeno tabuleiro de metal, no qual se distinguiam um bisturi e várias seringas, passou por ele com o passo apertado, deitando-lhe o olhar misto de compaixão e receio que se usa normalmente para quem se apanha a falar sozinho. Neste caso, o sangue que lhe manchava a camisa tornava tudo ainda mais suspeito. Sorriu-lhe, tentando mostrar saúde mental. Ela devolveu-lhe o sorriso, mas a expressão condescendente permaneceu intacta. *Hoje não convenço ninguém, estou transformado num verdadeiro farrapo humano*, pensou.

A paixão que sentia por Cristiana consistia sem dúvida numa espécie de elixir vitalizador, dando-lhe a percepção de ser capaz de vencer qualquer obstáculo. No entanto, a vida já lhe mostrara que o amor não é a panaceia que se julga, podendo ser derrotado por incontáveis razões, a maioria delas impossíveis de detectar antes de revelarem as garras, pelo que tentava manter os pés bem assentes na terra. Para já, Cristiana tinha de sobreviver à cirurgia. Ainda não lhe tinham vindo dizer como correria; contudo, sendo médico, conhecia sobejamente os riscos que ela corria, entre eles, o de apanhar uma infecção hospitalar assassina, através de um *Staphylococcus aureus* resistente aos antibióticos, por exemplo, o que infelizmente era mais frequente do que se supunha.

Estava de tal forma absorvido no novelo emaranhado dos seus pensamentos que se sobressaltou quando ouviu uma voz atrás de si, voz que, mesmo longinquamente, lhe soara familiar.

— Não se assuste, Nils, sou a Ana Maria, mulher do João, irmão da Cristiana... — O tom inseguro misturava-se com a emoção. Era a voz de alguém prestes a desabar.

— Sei muito bem quem é! — Apesar das circunstâncias, Nils sorriu. Recordou que se Cristiana não tivesse ido no Verão de 1956, por intermédio de Ana Maria, ao casamento de uma amiga que tinham em comum, não a teria conhecido. — Mas como soube do que aconteceu? Eu ainda não falei com ninguém.

— Nem imagina como. O safado do Miguel teve a lata de nos ligar antes de partir a contar-nos tudo, fez questão de não nos poupar pormenores.

— Que pormenores? — Nils queria perceber que versão dos acontecimentos teria sido dada pelo psicopata.

Ana Maria hesitou. Nils encorajou-a:

— Estou preparado para tudo.

— Mas, o que vou dizer vai mudar a sua vida... Nem sei se devia ser eu...

— Não me poupe, Ana, prefiro sempre a verdade.

— De acordo. Então aqui vai: o Miguel disse-nos que Cristiana o traiu consigo em Londres. Que o Vicente é seu filho. — Parou de falar, como se esperasse uma reacção de surpresa ou de incredulidade por parte do luso-norueguês, mas dado que este ficou impassível a olhá-la, continuou o relato. — Ele falava como um louco, muito exaltado, às vezes nem se percebia bem o que dizia. Afirmou textualmente que o Nils tinha chegado a Lisboa para lhe *roubar a mulher* e que esta situação era tão intolerável que perdera a cabeça e o tentara alvejar na manifestação do primeiro de Maio, coisa que a Cristiana impedira, sendo ela a levar o tiro. Disse que não o queria matar, apenas assustar, mas vá-se lá acreditar naquele homem, valha-me Deus! Quando ouvi dizer que a Cristiana estava ferida, telefonei para todos os hospitais a fim de saber em qual ela dera entrada. Descobri que fora no Santa Maria, e aqui estou. Imaginei logo que o Nils cá estivesse, também. O insensível nem sequer se preocupou com o estado dela, nem me pediu que lhe desse notícias quando as tivesse. E logo percebi porquê. Declarou-me, em tom vingativo, que ia fugir com os três filhos que são dele e, frisou, *nunca mais ninguém os ia ver*. — Ana Maria falava atabalhoadamente, com a voz trémula, e quando acabou de proferir a última frase, tapou a cara com as mãos e começou a soluçar. — Que desgraça, meu Deus, que enorme desgraça!

Nils interrompeu a ladainha com uma frase curta, proferida em tom grave, que apanhou de surpresa a cunhada de Cristiana.

— Eu já sabia que o Vicente é meu filho.

— Sabia? — Agora percebia a ausência de reacção de há pouco. — Foi ela que lhe disse?

Ana Maria estava muito confusa e procurava com aflição um lenço dentro da carteira de cabedal negro.

— Não. Soube-o na ambulância, por um bilhete que Cristiana tinha consigo, no bolso do vestido, no qual alguém anónimo a avisava de que Miguel estava armado e que urdira uma cilada para me matar na manifestação do primeiro de Maio. Como é óbvio, a Cristiana ainda não sabe que eu sei.

— Um bilhete anónimo? Quem terá sido? Está a ser tudo muito estranho hoje, quase irreal. — As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e Ana Maria tentava enxugá-las com a ponta dos dedos, pois não encontrara lenço nenhum na carteira. No tumulto do desespero, abraçara-se a Nils, manchando de sangue a blusa de seda que vestia, mas deixou-se estar. Afinal, era o sangue da melhor amiga e sujar-se nele representava uma espécie de ritual de fraternidade.

— Não faço ideia de quem foi. Preferia que não existisse. Assim, a Cristiana não estaria agora em perigo de vida.

— Hum, não diga isso. Se ela sobreviver, o bilhete terá salvado duas vidas.

— Espero bem que sim, Ana. É tudo o que mais quero neste instante.

Seguiu-se um silêncio confrangedor em que se pressentia o mal-estar de ambos. Na cabeça de Nils, contudo, entre a preocupação com Cristiana e a ansiedade de conhecer o filho, a ira ganhava cada vez mais terreno. *Miguel fugiu para o estrangeiro, o sacana escapou*. Saber que o psicopata se safara de novo de enfrentar a justiça portuguesa punha-o fora de si. O luso-norueguês tinha, no entanto, muita curiosidade em saber se Miguel teria dado alguma informação a Ana Maria que denunciasse para onde fugira. Quebrou o silêncio com uma pergunta em que o tom neutro que desejaria ter-lhe imprimido não resultou. Pressentiu-se a sua crispação face ao tema.

— Quando disse «partiu», quis dizer que o Miguel se foi embora do país?

— Sim, com os três filhos, como lhe disse, Drina, Tião e Lóri.

Nils não conseguiu evitar o impacto de tão terríveis notícias e, sentindo as pernas a fraquejar, encostou-se discretamente à parede. Ana Maria não pareceu notar a palidez súbita do interlocutor e continuou a falar.

— E, também, com a amante, uma tal Gina, que é secretária dele desde sempre. Deixou o Vicente, claro. Foi por causa dele que nos ligou, para o irmos buscar e levar para nossa casa, vá lá que teve essa consideração. E foi o que fizemos, o garoto está agora com os primos. — Percebeu a interrogação no olhar de Nils, afinal, ele era o pai do sobrinho mais novo, e esclareceu: — Os meus filhos já são adolescentes e tenho plena confiança neles para tomarem conta do seu pequeno Vicente.

Nils percebeu que Ana Maria já agia perante ele como sendo o pai legítimo de Vicente, e sorriu.

— Não duvido. Gostava muito de conhecer o meu filho quanto antes, mas não acho que seja adequado fazê-lo sem a Cristiana.

— Certamente... Compreendo. Ele estará em nossa casa até tudo se acalmar. Porque a Cris vai ficar bem, Deus é misericordioso.

Nils quase retorquiu *infelizmente não o é sempre*, mas calou-se.

Estavam os dois tão alheados de tudo o que se passava à sua volta que se assustaram quando deram conta de que alguém se aproximava num passo rápido, denotando nervosismo. Com evidente espanto, Nils viu ao seu lado um homem em quem há muito tempo não punha a vista em cima, mas que, estranhamente, sentia que estivera sempre presente no desenrolar dos acontecimentos mais importantes da sua vida:

João Correia, o irmão de Cristiana, o seu antigo colega do Lions Clube, o amor da vida de Lourença, a prima direita de Cristiana que ele conhecera em Angola há quase dez anos e o homem com quem sabia parecer-se fisicamente a um ponto quase inverosímil.

— João! Estou a contar ao Nils o que o Miguel nos disse há pouco... — Ana Maria sentiu o constrangimento de ambos e tentou aligeirar o ambiente. — A Cristiana está a ser operada...

— Desde os tempos do Lions que não nos vemos, como estás? — Nils estendia a mão, mas João não a apertava. Estava visivelmente alterado, havia um vago odor etílico no ar.

— Temos de concordar que sempre que apareces na vida da minha irmã só lhe causas estragos.

João acabara de perceber, pelo que Miguel lhes contara, que a irmã se encontrara com Nils em Londres, onde, pelo que constava, tinham *feito* o seu sobrinho Vicente. Esse encontro dera-se nas suas costas, quando ele fora a uma reunião do Lions àquela cidade e a irmã e a mulher o quiseram acompanhar, a pretexto de irem fazer turismo, mas agora percebia de que *turismo* se tratara e sentia-se traído. Com Cristiana entre a vida e a morte, não faria sentido dar muita importância ao caso; contudo, confrontara Ana Maria com os factos, que lhe dissera que Nils aparecera de surpresa na casa de Luisinha, a amiga de longa data de Cristiana exilada nessa época na capital inglesa, quando elas a visitaram. Ana Maria mentia, mas estava fora de questão pôr-se a si e a Cristiana em xeque. Precisava de manter a confiança cega que o marido sempre depositara nela, era um dos seus poucos trunfos naquela relação em que sempre estivera em desvantagem, porque o amava demais.

Nils não respondeu à provocação. Estava demasiado cansado e preocupado para se embrenhar numa discussão, sobretudo

com alguém manifestamente alcoolizado. Fingiu-se interessado numa pomba que batera as asas contra uma das janelas do corredor, mas João não o largou.

— Não tens nada a dizer? Nem consegues olhar de frente para mim, covarde... — João puxava agora de forma violenta pela manga da camisa de Nils, tentando forçá-lo a virar-se na sua direcção.

— Por favor, querido, não é o momento ideal para esta conversa. — Ana Maria falava baixo e pusera a mão no ombro do marido tentando acalmá-lo.

No entanto, os seus gestos pareceram irritá-lo ainda mais, e aproveitando o instante em que Nils se voltou para apoiar Ana Maria, no intento de acabar com a animosidade do ambiente, desferiu-lhe um golpe forte no queixo com o punho direito. Com o impacto, Nils foi de encontro ao armário no qual há pouco avaliara o seu reflexo, causando estrondo, mas conseguindo equilibrar-se e manter-se em pé.

— Vamos parar com este disparate, João. A tua irmã está a ser operada, a pressão é grande, precisamos de calma e não de nos zangarmos todos. — Nils massajava o queixo, mas mantinha a calma, não tanto por falta de vontade de ripostar, mas por exaustão.

— Tanta sensatez... Devias tê-la usado antes de destruíres uma família inteira.

O estrondo do armário e o tom acalorado das vozes que ecoavam no corredor vazio do hospital tinham chamado a atenção de quem ali trabalhava atrás de portas. Alguém chamara os militares que, naquele tempo de revolução, se encontravam por todo o lado, substituindo a Polícia sempre que necessário. Dois soldados de camuflado e G3 a tiracolo aproximavam-se a passos largos do local da briga. As portas dos gabinetes começavam a abrir-se e algumas batas brancas revelavam-se, curiosas com o incidente. No entanto, o rebuliço esperado não

aconteceu. Ampliada pelo eco que o desproporcionado pé-direito do edifício provocava, uma voz forte encheu o corredor.

— Podemos falar com um familiar de Cristiana Correia? — O médico, com a máscara cirúrgica ainda a pender-lhe de uma das orelhas e a bata manchada com nódoas vermelhas de sangue e amarelas de iodopovidona, parecia alheio à cena pouco usual naquele corredor, onde dois militares se acercavam. Olhava à volta tentando encontrar o homem com quem falara antes da cirurgia, para lhe dar notícias. Hesitando entre Nils e João, dirigiu-se a Nils, recordando a camisa ensopada em sangue de quem acompanhava a doente quando dera entrada na urgência. O sujeito que não *arredara pé* até ter falado com ele. Agora, via-o lívido, os olhos suplicantes, os lábios contraídos, e percebeu que tinha de o esclarecer rapidamente, antes que ele desfalecesse.

— A cirurgia correu bem. A bala deve ter batido em alguma coisa antes de atingir o corpo e perdeu força, senão teria ido mais fundo. Foi uma sorte, acredite, uma sorte grande! — O clínico parecia aliviado, viam-se manchas escuras de transpiração na bata que usara no bloco operatório, em torno dos sovacos; Nils reparou nelas e pesou toda a tensão que representavam. — A sua mulher está agora no recobro, em breve poderá falar com ela.

Ao ouvir estas palavras do médico, João balbuciou *não é mulher dele, com um raio*, mas só Ana Maria o ouviu, a qual, de imediato, para acalmar os ânimos, exclamou:

— A tua irmã vai recuperar, meu querido! Deus ouviu as minhas preces.

Até os militares, contrariando a postura inicial de desconfiança, pareciam sorrir com as notícias e, sentindo-se dispensáveis, dado que tudo parecia ter acalmado por ali, logo voltaram costas e regressaram aos respectivos postos de vigília na entrada do hospital.